

DA PLAZA MAYOR À PLAZA DE ARMAS DE VILLAHERMOSA, MÉXICO

FROM PLAZA MAYOR TO THE PLAZA DE ARMAS OF VILLAHERMOSA, MEXICO

DE LA PLAZA MAYOR A LA PLAZA DE ARMAS DE VILLAHERMOSA, MÉXICO

Jorge Herrera de la Torre ¹

Natália Achcar Monteiro Silva ²

Simone Marques de Sousa Safe ³

DOI: 10.5752/P.2316-1752.2023v30n44p153-172

Resumo

Este artigo analisa a evolução urbana da região morfológica do coração histórico de Villahermosa, México, a partir dos métodos da Escola Inglesa de Morfologia Urbana e da Memória Oral. O objetivo é compreender a identidade do lugar, cuja historicidade tem sido amplamente questionada, contribuindo à sua valoração e valorização patrimonial. Os resultados apresentam cronologicamente os períodos morfológicos da *Plaza de Armas* por meio de uma breve abordagem histórica e paisagística, acompanhada de mapeamentos de épocas construtivas e do uso do solo, demonstrando como os processos histórico-políticos têm influenciado na autenticidade e integridade do espaço primogênito da cidade.

Palavras-chave: períodos morfológicos; praça de armas; memória oral; Villahermosa.

Abstract

This article aims to analyze the urban evolution of the morphological region of the historic heart of Villahermosa, Mexico, using the methods of the English School of Urban Morphology and Oral Memory. The objective is to understand the identity of the place, whose historicity has been widely questioned, and to contribute to its valuation and heritage appreciation. The results present chronologically the morphological periods of the *Plaza de Armas* through a brief historical and landscape approach, accompanied by mappings of construction epochs and land use, demonstrating how historical-political processes have influenced the authenticity and integrity of the city's primordial space.

Key words: morphological periods; place-of-arms; oral memory; Villahermosa.

Resumen

Este artículo pretende analizar la evolución urbana de la región morfológica del corazón histórico de Villahermosa, México, utilizando los métodos de la Escuela Inglesa de Morfología Urbana y la Memoria Oral. El objetivo es comprender la identidad del lugar, cuya historicidad ha sido ampliamente cuestionada, y contribuir a su valoración y valorización patrimonial. Los resultados presentan cronológicamente los períodos morfológicos de la Plaza de Armas a través de una breve

¹ Arquiteto pela Universidad Juárez Autónoma de Tabasco, especialista em Arquitetura da Paisagem pela PUC-MG e mestre em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Arquiteta pela Universidade Federal de Uberlândia, mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável e doutora em Arquitetura e Urbanismo, ambos pela Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Professora da pós-graduação em Arquitetura da Paisagem - IEC PUC Minas. ³ Arquiteta pela PUC Minas, mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais, doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais e professora da pós-graduação em Arquitetura da Paisagem - IEC PUC Minas.

aproximación histórica y paisajística, acompañada de mapeos de épocas constructivas y del uso del suelo, demostrando cómo los procesos histórico-políticos han influenciado en la autenticidad e integridad del espacio primogénito de la ciudad.

Palabras clave: periodos morfológicos; plaza de armas; memoria oral; Villahermosa.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a evolução urbana da região morfológica primogênita de Villahermosa: a *Plaza de Armas* e seu entorno imediato. Villahermosa é a capital do estado mexicano de Tabasco e também é conhecida como '*La Esmeralda del Sureste*' por suas características tropicais que pintam de verde suas terras e corpos d'água. Se localiza em uma planície fluvial entre a *Sierra Madre* de Chiapas e o Golfo do México, na bacia hidrográfica do Rio Grijalva (figura 1), curso de água de vital importância para o desenvolvimento de Tabasco por ter servido como via de entrada para a colonização espanhola e, posteriormente, como principal meio de transporte e acesso para sua capital. Na beira do Grijalva os colonizadores encontrariam o local para o traçado de uma *Plaza Mayor* que daria origem a Villahermosa.



Figura 1: Localização de Villahermosa e recorte de estudo da Plaza de Armas

Fonte: D-Maps, 2023; Google Earth Pro, 2023.

A *Plaza de Armas* é um espaço heterogêneo que tem como atributo uma alta estratificação histórica que reflete sua própria evolução caótica. Durante a Colônia, Villahermosa teve pouca importância devido à falta de mineração, baixa população e um clima hostil. Embora tenha experimentado um período de crescimento moderado durante o Porfiriato (1876–1911), foi somente com a modernização agropecuária e o '*Boom Petrolero*', nos anos 1960 e 1970, que o Estado teve um

crescimento econômico acelerado, trazendo transformações urbanas e arquitetônicas drásticas para Villahermosa, incluindo a Praça de Armas.

Essas transformações têm comprometido continuamente a autenticidade e a integridade¹ da praça como um espaço que originalmente possuía uma fisionomia e usos diferentes. As alterações do meio físico-natural por parte de um agente cultural que molda a paisagem conforme as formas de uso constituem as paisagens culturais (SAUER, 1998). Portanto, cada período histórico da cidade indicou uma base de valores que norteou as inovações que tiveram impacto na forma urbana, evidenciando as vulnerabilidades do patrimônio local.

Portanto, o objetivo da pesquisa é compreender a identidade e a historicidade da *Plaza de Armas* de Villahermosa, contribuindo para a valoração do coração da cidade. Para tal, a pesquisa parte da seleção, organização e análise da informação sobre a história da *Plaza de Armas* de Villahermosa, seguido da aplicação de duas metodologias de leitura da paisagem: a Escola Inglesa de Morfologia Urbana e a Memória Oral.

Como eixo condutor da pesquisa, será utilizado o método de organização temporal em períodos morfológicos da Escola Inglesa, “elaborados pela síntese dos períodos históricos com os períodos evolutivos, [...] baseando-se nas inovações introduzidas na paisagem urbana” (COSTA *et al.*, 2014, p. 31-32), permitindo assim o reconhecimento da divisão tripartite da paisagem no “plano da cidade, o tecido edificado e os usos do solo e do edificado” (CONZEN, 1960 *apud* WHITEHAND, 2001, p. 104).

Por sua vez, a Memória Oral, considerada pela autora Ecléa Bosi como um “instrumento da Psicologia Social, abordando um passado consideravelmente recente, aplicado ao cotidiano e ao comportamento dos indivíduos” (BOSI, 2003 *apud* Silva, 2021, p. 34), será utilizada para associar os relatos cotidianos dos moradores aos processos de transformação ocorridos a partir da segunda metade do Século XX.

Os períodos morfológicos são apresentados em duas abordagens. Por uma parte, a análise morfológica do plano urbano, mediante a contextualização histórica e os mapeamentos esquemáticos. Por outra parte, a análise morfológica da *Plaza de Armas*, buscando entender os percursos e qualidades paisagísticas através da documentação arquitetônica e da Memória Oral. Espera-se demonstrar que, como consequência das manipulações políticas, a praça perdeu gradualmente sua autenticidade como *Plaza Mayor* na tentativa de padronização com o conceito

¹ A autenticidade é o grau de originalidade dos diferentes elementos de um mesmo sistema. A integridade e grau de equilíbrio que os elementos mantêm entre si, tendo por base a intenção original (IPHAN; MAPRO; FUNDAÇÃO CASA RUI BARBOSA, 2010)

colonial de *plaza de armas*. Em virtude disso, é pertinente questionar para quê e para quem é a *Plaza de Armas*.

DUAS PRAÇAS EM UM MESMO ESPAÇO: CONCEITOS E PERÍODOS MORFOLÓGICOS

A concepção da *Plaza Mayor* tem origem nas Ordenações de Montalvo de 1480, que a descrevem como o local onde funcionaria o mercado e as relações políticas (AVELLANOSA, 1997). No final da Idade Média, os critérios para as Fundações em Terra Firme de Pedrarias Dávila (1513-1522) e as Ordenações do Rei Carlos I da Espanha (1523) modificaram essa concepção. Posteriormente, as Ordenações do Rei Felipe II (1573) forneceram uma descrição detalhada das características das *Plazas Mayores* na América Espanhola. Durante as Reformas Bourbônicas no século XVIII, a *Plaza Mayor* mudou de nome para *Plaza de Armas*, como significado da ocupação política, militar e cortesã do espaço (JOFFRE, 2004).

No território da Nova Espanha, as Ordenações de Descobrimento, Nova População e Pacificação das Índias, ditadas pelo Rei Felipe II em 1573, tornaram-se as normas para a fundação de novas cidades. Essas cidades deixaram como testemunhas importantes polos comerciais, mineiros e de evangelização, que em sua maioria mantêm uma arquitetura colonial até os dias atuais.

No caso de Villahermosa, a *Plaza Mayor* original sofreu intervenções constantes que a modificaram completamente em uma tentativa de transformar o conceito inicial em uma *plaza de armas*. Para a divisão dos sete períodos morfológicos (*quadro 1*) que retratam essa transformação, foram agrupados os cortes históricos com características coesas que representam mudanças significativas em relação ao período anterior. Essas mudanças podem incluir intervenções paisagísticas na praça,

Período	Época	Características
Morfogênese	1564-1861	Traço original com igreja central e conexão com o Rio Grijalva
Novos Polos	1861-1884	Praça-jardim e novos polos de atração: Mercado Público; Prefeitura e igreja
Representação Política	1884-1911	Construção do Palácio de Governo e conexão da praça com o Mercado Público
Consolidação	1911-1959	Consolidação do tecido urbano, praça-jardim com elemento central e usos administrativos e recreativos.
Historicismo Urbano	1959-1982	Construção do <i>Malecón</i> . Ampliação da praça imitando uma <i>plaza de armas</i> e busca por uma identidade colonial.
Praça Cívica	1982-2011	Ampliação da praça para aumentar sua capacidade funcionando como mirante ao rio. Incorporação dos três poderes de governo no entorno.
Praça Contemporânea	2011-2023	Integração dos espaços livres adjacentes. Eliminação de elemento central. Desenho contemporâneo questionado.

modificações no uso do solo, alterações no plano e tecido urbano, bem como incorporação ou supressão de tipos edifícios especializados.

Tabela 1: Características dos períodos morfológicos da Plaza de Armas.

Fonte: Elaboração própria, 2023.

MORFOGÊNESE: 1557-1861

Villahermosa teve origem no primeiro assentamento espanhol na Nova Espanha, *Santa María de la Victoria*, fundado em 1519 na foz do Rio Grijalva (DÍAZ DEL CASTILLO, 1568 *apud* PRATS, 1987). No entanto, esse assentamento desapareceu gradualmente devido a epidemias e ataques de corsários. A população mudou-se para o interior do estado, fundando em 24 de junho de 1557 um novo assentamento em um local de pescadores chamado Tres Lomas, nas margens do Rio Grijalva, nomeado San Juan Bautista de Tabasco (INAFED, 2000), hoje Villahermosa.

Em 1564, o espanhol Diego de Quijada, na condição de Alcaide Maior de Iucatã, Cozumel e Tabasco, chega a San Juan Bautista de Tabasco e funda oficialmente a vila, renomeando-a como Villa Carmona (REYES, 1980). Em uma carta ao Rei de Espanha, datada em 10 de fevereiro de 1565, Quijada lhe informa que:

[...] o tempo que estive lá em Tabasco soube que alguns espanhóis casados ou solteiros andavam vagabundos com mulheres e filhos nas costas, e com sua pobreza viviam entre os naturais. Mandeí-lhes morar em um muito bom assentamento que está a vinte léguas da Vila de la Victoria no mesmo Rio Grijalva, junto à beira deste rio, e lá tracei a cidade e dei lotes e títulos de fazendas e terras. Havendo chegado à dúzia de vizinhos [...] intitulei a Vila de Carmona [...] nela há muita caça de cervos e coelhos e patos grandes, e muitos peixes e boas águas e muita lenha. (REYES, 1980, p. 77, tradução própria).

Como parte da herança urbana espanhola, com o traçado da nova vila, também foi projetada uma praça principal, conhecida como *Plaza Mayor*, na colina chamada *La Eminencia*. O aproveitamento da topografia oferecia proteção aos habitantes e suas propriedades, seja contra ataques de piratas ou enchentes (SARAVIA, 1987). Inicialmente, a *Plaza Mayor* da então Vila Carmona seguia os critérios medievais de Pedrarias Dávila, que estabeleciam que a igreja e as casas das pessoas de maior “qualidade” deveriam estar localizadas na praça (SUESS, 2002). No entanto, a maioria das praças centrais da Nova Espanha seguiam as Ordenações de Felipe II, que determinavam que o entorno da praça deveria incluir um quarteirão inteiro para a igreja, enquanto o restante ficaria para a Casa Real,

a Casa do Conselho, a prefeitura, as lojas e as casas de hospedagem, sem considerar o uso residencial (SOTELO, 1987). Essas características não foram observadas em Villahermosa, possivelmente devido à baixa população e à ausência de sedes militares, religiosas ou políticas.

A vila permaneceu abandonada durante 118 anos, desde 1677, devido aos constantes ataques corsários, após receber os poderes da Província de Tabasco em 24 de junho de 1641, o que levou à transferência temporária da capital para a Vila de Tacotalpa (SARAVIA, 1987). Por esse motivo, as primeiras descrições da *Villa Hermosa de San Juan Bautista* foram registradas apenas em 1795, quando os poderes voltaram para a cidade.

Manuel Gil y Sáenz (1979, p. 152, tradução própria) relata que “com exceção de duas, todas as casas de Villahermosa eram de ramas e guano [...] a Praça de Armas estava cheia de fossos”. A paisagem da *Villa Hermosa de San Juan Bautista* foi influenciada por *Santa María de la Victoria*, que foi descrita como constituída por “telhados de palha e palmeira e edifícios baixos, prateleiras de madeira, que são como mármore, e cercas feitas de cana grossa como uma lança ligada a alguns ramos de que esta terra é provida” (RODRÍGUEZ; DE SANTA CRUZ, 1577 apud DE LA GARZA, 1981, p. 430, tradução própria).

Saravia (1987) acrescenta ao panorama de 1795 a localização de alguns edifícios importantes, como a igreja central, o Quartel Principal e a Casa de Governo. No século XIX, a praça teria suas primeiras manifestações como um lugar de poder, principalmente com a Casa de Governo, cuja localização e uso permanecem até hoje, e o Quartel Principal. Na parte do atual estacionamento do Governo do Estado, havia uma lagoa pela qual “os fazendeiros e camponeses chegavam à praça principal para vender alimentos e outros bens, assim como a prisão “*Los Centinelas*” (ORTÍZ, 1975, p. 58-59, tradução própria). Infelizmente, a prosperidade foi interrompida em 1846, quando os norte-americanos bombardearam a praça e a assaltaram em cinco ocasiões (PRATS, 1987).

A Morfogênese (figura 2) é um período morfológico de conformação, caracterizado por ser extenso, mas com poucas variações. A escassa informação gráfica da época colonial em Tabasco impede uma análise mais detalhada. Porém, destaca a distribuição central da igreja na praça, os edifícios de uso cívico-militar, a predominância do uso residencial, e a conexão funcional entre a praça e o mercado através da lagoa, que funcionava como um espaço natural de transição entre o rio e a cidade.



Figura 2: Primeiro período morfológico: Morfogênese. Mapeamentos das épocas construtivas e dos usos do solo em 1564, 1614 e 1800.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

NOVOS POLOS: 1861-1884

Após os danos causados pelas ofensivas norte-americanas, a cidade tentou se recuperar construindo edifícios significativos, como o Mercado Público em 1851 e a reconstrução da Igreja "La Conchita" em 1860 (MARTÍNEZ, 2012). Ambas as obras representariam novos polos comerciais e religiosos que marcariam a pauta para o desenvolvimento e configuração do espaço (figura 3). Alguns outros edifícios se uniram às transformações, como o teatro da cidade, construído em 1837; a Casa de Pedra, construída em 1845 para o cônsul da Espanha; e o segundo teatro da cidade, construído ao lado da igreja em 1856. Apesar das novas construções, o uso habitacional continuava predominando e, inclusive, algumas residências teriam dupla função, como a Casa de Governo e a Prefeitura-Prisão (MARTÍNEZ, 2012).

O plano urbano do recorte de estudo sofreu poucas alterações, destacando a dessecação da lagoa para construir armazéns comerciais. Por sua parte, o tecido urbano ao sul da praça começa a se constituir graças à igreja "La Conchita", mas não existem informações gráficas suficientes que

definem o padrão de ocupação do solo. A praça em si perde a igreja central e passa por um processo de reconstituição em 1855, com uma intervenção de jardinagem mediante *parterres* e plantação de árvores frutíferas (ORTÍZ, 1975).

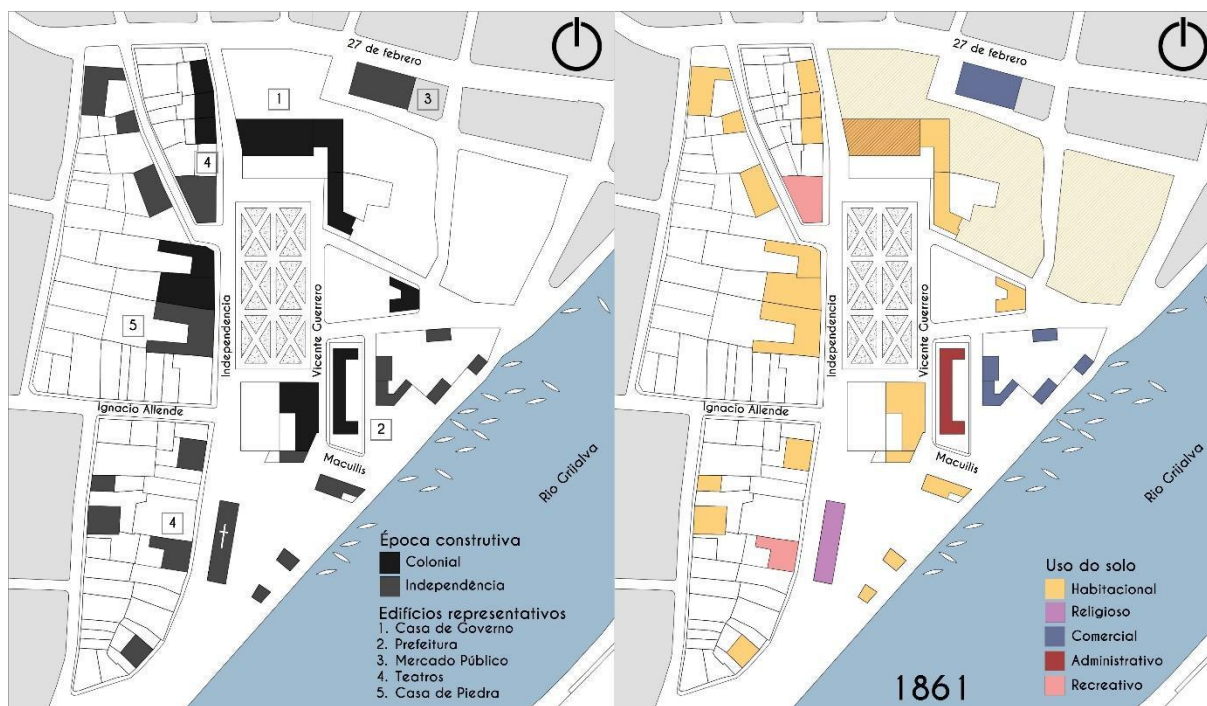


Figura 3: Segundo período morfológico: Novos Polos. Mapeamentos das épocas construtivas e dos usos do solo em 1861.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Apesar da falta de informação gráfica, fica evidente a importância da praça como um jardim central de superfície permeável que conservava certa intimidade entre os quarteirões, e que serviria como um espaço de lazer e descanso para os habitantes de uma cidade de pequeno porte. Além disso, existia uma relação, mesmo que indireta, entre o rio e a praça, já que os armazéns comerciais mantinham a conexão com o rio por ser este o único meio de transporte entre Villahermosa e o principal porto comercial do estado: a atual Frontera, Centla.

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA: 1884-1911

Entre 1863 e 1864, as forças pró-intervencionistas francesas destruíram algumas construções na cidade, como “El Principal” e, novamente, a igreja “La Conchita” (PRATS, 1987). A segunda metade do século XIX foi marcada por uma luta pelo poder entre o governo de Benito Juárez (1858-1872), o Segundo Império Mexicano (1864-1867) e o início do Porfiriato (1876-1911). Em Tabasco, essa

instabilidade se traduziu na inexistência de uma sede oficial do poder executivo, já que o governo se instalava em residências alugadas.

Como parte da tentativa de ter um edifício próprio, em 1883, foi adquirido o prédio de D. Lino Merino para a construção do Palácio do Governo, enquanto a casa do governador Victorio Victorino Dueñas foi comprada para a construção do Palácio Municipal (TABASCO, 2004). O Palácio Legislativo foi construído em 1880 em um lote adjacente ao Palácio do Governo (MARTÍNEZ, 2012). A construção das sedes políticas trouxe uma mudança no plano urbano (figura 4): a abertura da rua Vicente Guerrero, ao nordeste da praça. Uma rua que conectava a praça ao Mercado Público, criando uma nova área comercial que ainda prevalece.

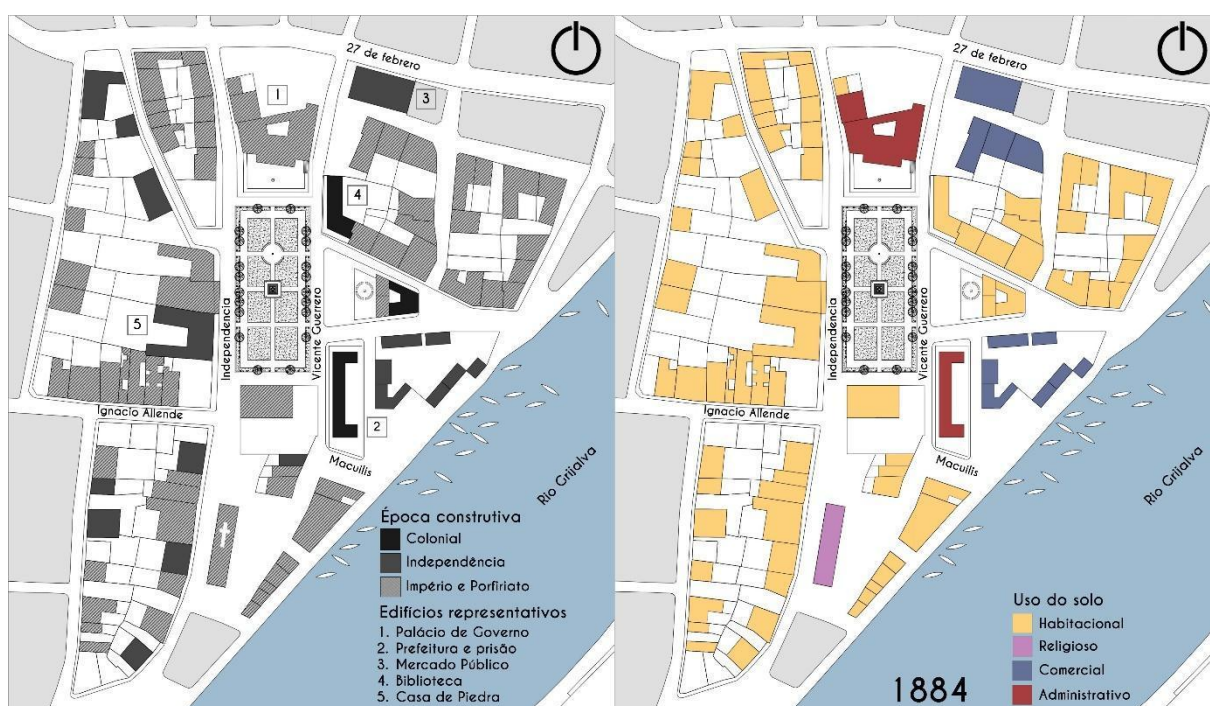


Figura 4: Terceiro período morfológico: Representação Política. Mapeamentos das épocas construtivas e dos usos do solo em 1884.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Os mapeamentos deste período foram realizados com base na planta de San Juan Bautista desenhada por Juan N. Reyna em 1884. Nela, estão marcados os edifícios significativos, presumindo-se que o restante sejam residências. Observa-se a predominância do uso residencial, a origem de polos comerciais – um nos armazéns na beira do rio e outro ao redor do mercado público –, a hierarquia visual das sedes do governo com a praça, definindo-a como um lugar de poder, bem como a continuidade do plano urbano original. O padrão de ocupação do solo é definido principalmente por residências alinhadas na calçada e configuradas por um pátio lateral ou traseiro, enquanto os edifícios públicos estão dispostos em um quarteirão isolado, exceto pelo Palácio do Governo e o Palácio Legislativo. É importante ressaltar que a arquitetura eclética e historicista

começa a substituir os exemplares coloniais, principalmente na área de construção da nova sede do poder executivo.

A praça mantém a essência do período anterior, como um jardim que, apesar de sua simplicidade, herda os conceitos de axialidade, centralidade e permeabilidade do paisagismo academicista. O desenho dos *parterres* troca as diagonais por uma malha ortogonal de oito quadrantes, onde a peça central era um monumento que comemorava a “Epopéia de 1864” – a expulsão do exército pró-imperialista francês de San Juan Bautista – (SARAVIA, 1987). A julgar pelas escassas fotografias da época (figura 5), a praça estava completamente cercada por uma grade sobre um muro baixo, que permitia sentar-se sobre ele. O ambiente interno propiciava o descanso e lazer em mais de quarenta bancas sombreadas por árvores locais dispostas ao redor do perímetro e uma fonte alinhada na frente do Palácio do Governo.



Figura 5: Plaza de Armas no Século XIX.

Fonte: Mapoteca Manuel Orozco, Circa 1884.

CONSOLIDAÇÃO: 1911-1958

O quarto período morfológico (figura 6) é marcado pela consolidação do tecido urbano e pela estabilidade nos padrões de uso e ocupação do solo. Esse período histórico abrange o fim do Porfiriato em 1911 até a chegada dos primórdios do modernismo na capital, durante o governo do General Miguel Orrico de los Llanos (1955-1958). O período foi dividido em três momentos: 1917, 1927 e 1958.

No ano de 1917, foram identificados novos iconemas, como o Palácio Municipal (1889) ao sul da praça, que formou um eixo norte-sul de usos administrativos em conjunto com o Palácio do Governo. Além disso, um eixo oeste-leste de usos recreativos foi formado com a construção do Centro Recreativo (1907) e a Escola "*Amiga de las Niñas*" no lote onde hoje se encontra o Tribunal de Justiça (MARTÍNEZ, 2012). Outro conjunto que merece destaque são as "*Bodegas Berreteaga*" (1904), atual estacionamento do Estado, que consolidaram essa área como um importante polo comercial. No que diz respeito ao plano urbano, destaca a divisão do quarteirão oeste com a abertura da rua Nicolás Bravo.

A praça manteve suas características formais, mas o monumento central foi substituído por um quiosque que comemorava a reeleição de Díaz em 1900 (MARTÍNEZ, 2012). A partir daí, os quiosques (figura 7) se tornariam elementos distintivos da praça. Também há registros de uma pequena escultura da Vênus de Milo na frente do Palácio Municipal, em concordância com a estética francesa impulsada pelo Porfiriato. Nessa época, a vegetação da praça já havia se densificado, criando um ambiente mais agradável para os cidadãos.



Figura 6: Quarto período morfológico. Consolidação. Mapeamentos das épocas construtivas e dos usos do solo em 1917, 1927 e 1958.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Para 1927 alguns iconemas foram modificados, como o Mercado Público, reformado para uma linguagem eclética. Duas residências começaram se transformar na “Escuela del Maestro Tabasqueño” e a “Biblioteca José E. de Cárdenas”. A igreja “La Conchita” foi utilizada como escola racionalista (SARAVIA, 1987). Essas mudanças se deviam ao governo de Tomás Garrido (1919-1934), conhecido por sua política socialista, que resultou no combate à religião e na implementação de políticas em prol do desenvolvimento social e educativo (MARTÍNEZ ASSAD, 1979). O eixo recreativo oeste-leste foi reforçado, e a consolidação dos polos comerciais nas “Bodegas Berreteaga” e nos lotes ao redor do Mercado Público é notória.

Para este período, a intervenção na praça, realizada em 1918, mudaria seu traçado. Embora tenha conservado o andador perimetral, onde foram dispostas 76 bancas, a volta das linhas diagonais do segundo período é registrada, convergindo em um novo quiosque central de linguagem eclética e com funções inovadoras para o contexto. Este elemento funcionaria como comércio, mas também teria uma função recreativa e cultural que daria um novo uso à praça. No eixo central, as fontes foram mantidas em frente aos palácios, agora com uma forma diferente. A permeabilidade da praça foi reduzida devido ao uso de concreto como material principal, enquanto os canteiros receberam principalmente vegetação arbustiva.



Figura 7: Quiosques do quarto período morfológico.

Fonte: Archivo Histórico y Fotográfico de Tabasco, 1911 e 1928; elaboração própria, 2019.

No recorte de 1958 alguns edifícios notáveis foram construídos, tornando-se memoráveis para a população: o *Cine Tropical* (1946); o Museu de Tabasco (1946); a *Casa del Agrarista* (1935); o *Café del Portal* (1917); e a Academia Juan T. González (1927) (MARTÍNEZ, 2012). Esses edifícios foram

inaugurados durante os governos do poeta Noé de la Flor Casanova (1943-1946) e do intelectual Francisco J. Santamaría (1947-1952), reforçando a vocação cultural da praça. Já durante o governo do Gral. Miguel Orrico de los Llanos (1955-1958), edifícios que antecipariam o modernismo em Tabasco foram construídos, como o Anexo do Palácio do Governo (1958) e alguns prédios multifamiliares, que marcariam o início de um período de rápida decadência do patrimônio cultural eclético e historicista.

Neste período, foi mantida a essência do plano, do tecido urbano e dos eixos de funções recreativas e administrativas, assim como a consolidação dos polos comerciais e o padrão de ocupação do solo por meio de edifícios alinhados à calçada com um pátio lateral ou traseiro, configurando grandes áreas de espaços livres no interior dos quarteirões. A praça encerrou o período com um desenho ortogonal de padrão modernista, incorporando um quiosque de concreto que funcionaria como restaurante, um espelho d'água retangular, canteiros arborizados e um mastro de bandeira. Dessa

forma, o espírito do lugar como jardim foi mantido, conservando parte da sua autenticidade, apesar da perda de integridade no entorno.

HISTORICISMO URBANO: 1958-1982

Em 1959, o governador Carlos Madrazo (1959-1964) inicia o projeto do *Malecón* na margem do Rio Grijalva, este serviria como mirante para o rio e proporcionaria aos cidadãos um passeio adequado (TABASCO, 1988a). De acordo com informações dos planos encontrados no *Centro Documental de Estudios sobre el Agua-UJAT* (1960), o projeto aterrou 34 metros do rio para criar uma avenida e, assim, “limpar” a antiga margem da cidade, considerada insalubre, resultando na destruição de edifícios ecléticos. Entre os edifícios afetados estavam o Palácio Municipal (1889), a casa de Manuel Lastra (1884) e a Academia Juan T. González (1927). O objetivo das demolições era conectar visualmente a Igreja “La Conchita”, recentemente reconstruída em estilo neogótico (1945), com o Palácio do Governo, o que resultaria em uma mudança conceitual do espaço, eliminando a autenticidade das características de uma *plaza mayor* para se tornar o padrão colonial de *plazas de armas*, em um exercício de historicismo urbano que iniciaria um novo período morfológico (Figura 8).

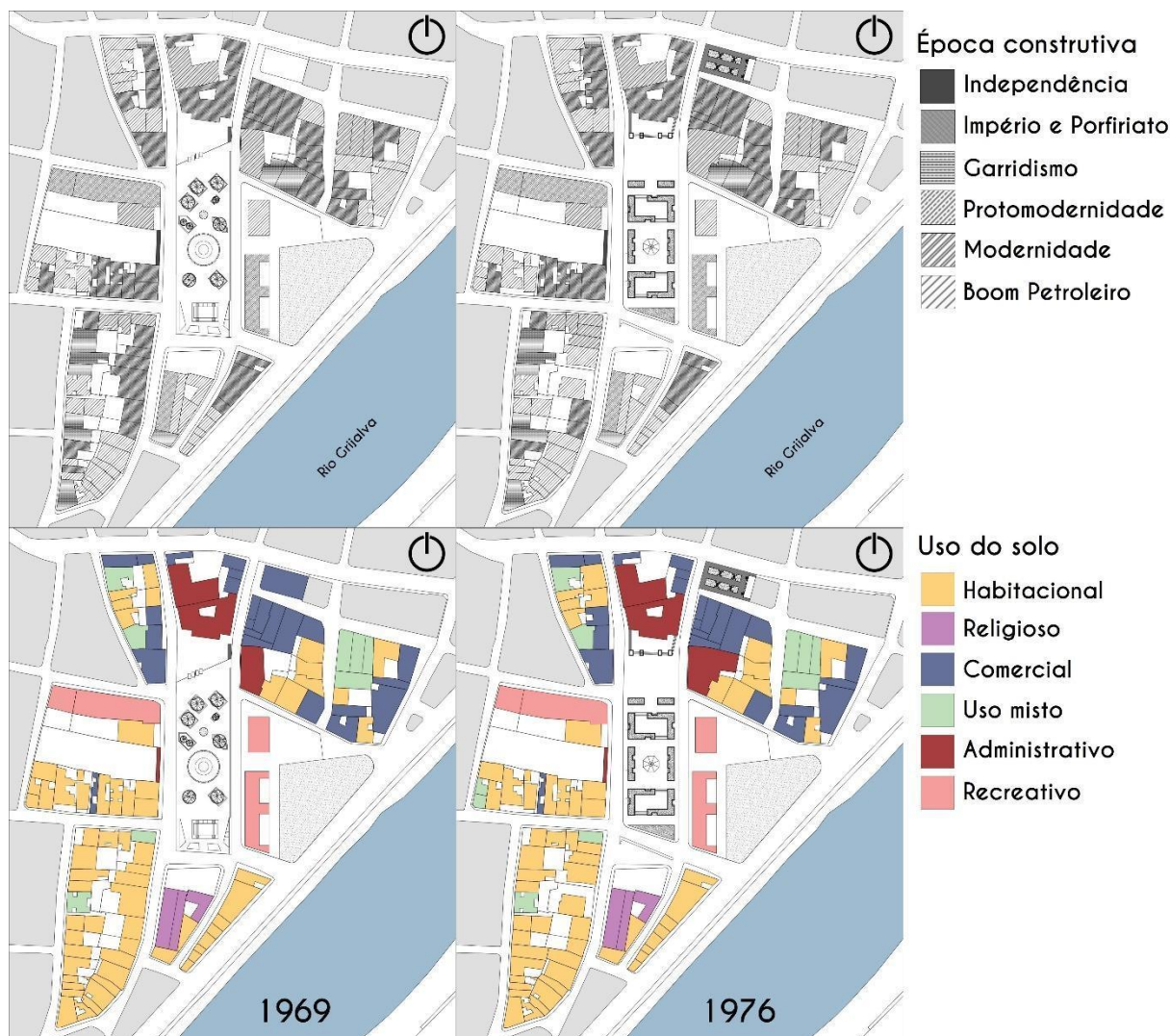


Figura 8: Quinto período morfológico. Historicismo Urbano. Mapeamentos das épocas construtivas e dos usos do solo em 1969 e 1976.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

O primeiro período identificado inicia-se em 1969, no qual ainda é possível perceber a presença do eixo recreativo leste-oeste formado pelo Cine Tropical (1946), Museu de Tabasco (1946) e Biblioteca Manuel R. Mora (1969), bem como a presença de outros elementos marcantes, como o Mercado Gregorio Méndez (1958), o Café del Portal (1894) e a Casa de Piedra (1845), que, infelizmente, foi substituída por um estacionamento para burocratas. A partir desse momento, a memória oral ganha importância, pois fornece informações daqueles que testemunharam suas transformações.

A nova praça foi inaugurada em 1964 e ampliada para o sul, ocupando os terrenos dos edifícios destruídos. Ela era composta por uma fonte iluminada que simulava uma flor, uma plataforma para eventos e uma praça cívica (TABASCO, 1964). O quiosque que fez parte da vida social da praça desde 1910 foi eliminado. O traçado perdeu as características ortogonais e diagonais tradicionais, reduzindo a área de canteiros que caracterizavam a praça-jardim, buscando aumentar a capacidade para eventos massivos e políticos.

É inevitável comparar o presente com um espaço que, apesar da mutilação da integridade e das desconsiderações pela identidade original, mantinha uma dinâmica social com alta carga cultural. Lilly Madera Torpey lembra quando na praça:

faziam o carnaval e as pessoas davam voltas, e os desfiles dos carros alegóricos. (...) Eu acredito que a vida social agora são apenas deputados e guardas do governador que mais te dão medo do que te fazem sentir protegido. Se você perceber, hoje na praça só há pequenas lojas, uma ou outra lanchonete e, de resto, apenas escritórios... Ah, e a Igreja de La Conchita. Quando minha mãe trabalhava na praça, nos divertíamos muito, havia festas, cassinos, cinema, lanchonetes, orquestras ao vivo, as pessoas dançavam, se reuniam (TORPEY, 2021, comunicação pessoal).

Durante os governos de Madrazo e Mario Trujillo (1971-1976), a economia de Tabasco estava em constante crescimento devido ao êxodo rural causado pelos projetos de potencialização agropecuária e o '*Boom Petrolero*'. Esse período foi marcado por um processo de modernização pragmática² que ignorou a identidade da cidade e apagou parte dela. Paradoxalmente, muitas pessoas lembram dessa época com nostalgia, provavelmente devido à falta de informação sobre períodos passados, chegando a pensar que o segundo recorte histórico deste período se trata de um jardim histórico.

Em 1976, durante o governo Trujillo, a praça foi renovada com uma linguagem historicista que emulava a arquitetura colonial, com paralelepípedos de barro, bancas de ferro, a volta do quiosque central e canteiros arborizados. A praça foi reduzida ao sul para permitir a continuidade da rua Ignacio Allende, permitindo a criação do estacionamento da Igreja "*La Conchita*". Além disso, o Parque Juan Bautista Traconis foi construído com uma linguagem arquitetônica semelhante, onde se localizava o antigo Mercado Gregorio Méndez (MARTÍNEZ, 2012). A restituição do elemento central foi um fator determinante para o espírito do lugar, resgatando parte da autenticidade como um espaço verde de lazer e encontro social.

Parte das lembranças compartilhadas por Torpey (2021, comunicação pessoal) refletem nostalgia ao recordar das diversas atividades que aconteciam na praça, do barulho dos pássaros no fim da tarde, da música e até mesmo de comer alguma coisa em um ambiente que, infelizmente, não existe mais.

Antigamente, as pessoas costumavam ir à praça nas terças, quintas e domingos para ouvir música nos quiosques que existiam e havia um ambiente muito agradável, (...)

² Devido à carência de arquitetos em Tabasco, o modernismo no Estado se viu defasado em relação a outras partes do país, aplicando na *praxe* uma modernidade sem fundamentos teóricos definidos.

algumas garotas passeavam ao redor do quiosque na esperança de encontrar um namorado. (...) No Cine Tropical, todas as variedades, peças de teatro, filmes e matinês eram exibidos. Na Sorveteria Romero, as pessoas tomavam seus refrigerantes e podiam comprar tacos de um homem chamado Ciro, era um ambiente mais familiar (TORPEY, 2021, comunicação pessoal).

Durante o quinto período morfológico, não apenas a autenticidade que o significado de *plaza mayor* conferia ao espaço foi perdida, mas também muitos edifícios ecléticos foram substituídos por modernos, com valores estéticos questionáveis, que afetaram os valores históricos do tecido urbano. Isso resultou na modificação do padrão de ocupação do solo, com a implementação de garagens, a diminuição dos pátios e, conseqüentemente, a perda da conexão entre os edifícios e a calçada. No entanto, a praça finalmente retoma o quiosque como elemento central, rodeado de canteiros e bancas que permitiam o descanso e a apreciação dos eventos. Agora, o *Malecón* se constituiria como um espaço independente da praça, com vida própria, desconectando-a quase totalmente do rio.

PRAÇA CÍVICA: 1982-2011

Durante o governo de Leandro Wade (1977-1982), foram demolidos iconemas para construir edifícios burocráticos. O Tribunal de Justiça substituiu o Cine Tropical (1946), o Congresso do Estado de Tabasco substituiu a Casa de Piedra (1845), o estacionamento do Congresso substituiu as casas de Miguel Payró (1910), o estacionamento do governo substituiu o Museu de Tabasco (1946) e a Biblioteca Manuel R. Mora (1969), e a praça Vicente Guerrero substituiu os comércios adjacentes ao Palácio do Governo (1884) (TABASCO, 1988b). Essa intervenção teve a intenção de ampliar a praça para o leste, chegando até o atual Malecón Carlos A. Madrazo, funcionando não apenas como praça cívica para eventos, mas também como um mirante para o Rio Grijalva.

O primeiro recorte temporal deste período, em 1982, é marcado por uma mudança significativa no plano e no tecido urbano (figura 9). Isso resultou na desapareção de três quarteirões históricos, algo que já vinha acontecendo desde o período anterior. Além disso, houve o fechamento parcial da rua Vicente Guerrero para conectar a nova praça cívica com a preexistente *Plaza de Armas*. Por outro lado, tanto o Palácio do Governo quanto a Igreja “La Conchita” foram libertos visualmente de edifícios ao seu redor, cumprindo o requisito de edifício em “ilha” das Ordenações de Felipe II.

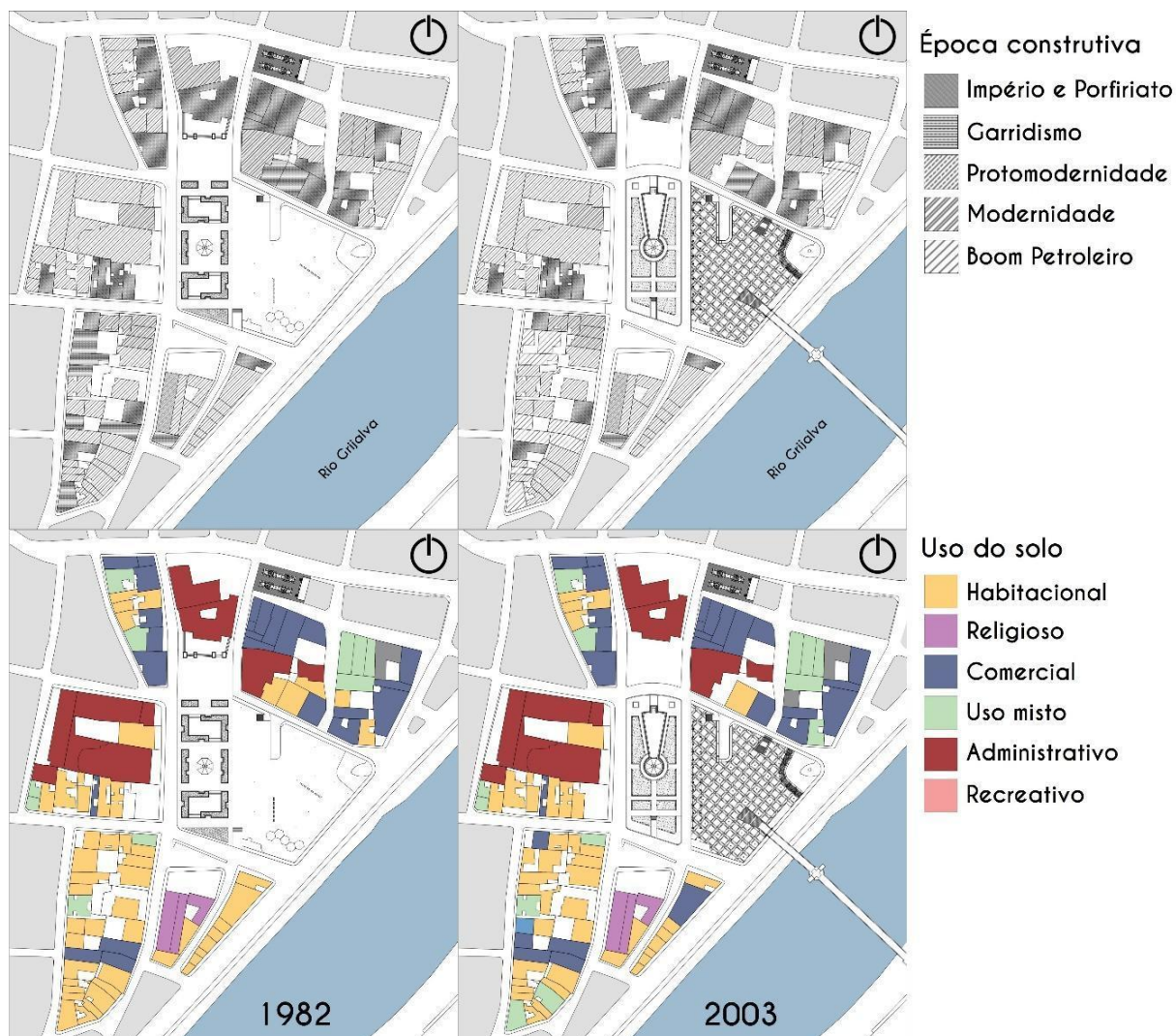


Figura 9: Sexto período morfológico: Praça Cívica. Mapeamentos das épocas construtivas e dos usos do solo em 1982 e 2003.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Este período trouxe consequências para comerciantes e motoristas devido ao fechamento da rua Vicente Guerrero, como afirma Lilly Torpey (2021, comunicação pessoal): “os carros não circulavam mais [...], todas as ruas foram fechadas, inclusive aquela que estava em frente ao palácio do governo”. A ampliação não apenas modificou o plano urbano, mas também a autenticidade do conceito de jardim histórico que havia sido recuperado no período anterior. Apesar de manter a praça preexistente, a união com a praça cívica mudou a essência e o uso do espaço. A intimidade do jardim foi perdida. Agora, o espaço seria utilizado para eventos massivos que, quando não ocorressem, ficaria vazio, como menciona Torpey (2021, comunicação pessoal): “Isso só gerou mais complicações para fazer uma laje de concreto na qual você nem pode ficar em pé porque você assa. Ainda não entendo por que fizeram isso, o charme da praça era ouvir os pássaros, sentar-se à sombra e conversar”.

Em 2003, foram identificadas mudanças no plano urbano. Entre essas mudanças, destaca-se a reabertura das ruas Vicente Guerrero e Vázquez Norte. Além da construção da Ponte "*Solidaridad*" em 1993, que conectou o bairro *Gaviotas* ao Centro Histórico da cidade. Já os usos do solo permaneceram semelhantes ao período anterior. Ao norte, o Palácio de Governo é cercado por edifícios administrativos, comerciais e de usos mistos; ao oeste, predominam os novos edifícios burocráticos, perdendo a antiga vocação recreativa e cultural; e ao sul, a igreja é cercada principalmente por usos habitacionais, embora tenha havido um crescimento de pontos comerciais. As edificações apresentam ampliações nos pátios, diminuindo os espaços livres nos quarteirões. Também é importante reconhecer a falta de integridade da praça devido à laxa cultura de conservação patrimonial em períodos anteriores.

Na última intervenção, a *Plaza de Armas* foi separada da Praça Cívica, assim como da praça do Palácio do Governo. Também foram construídos portais historicistas ao longo da rua Vicente Guerrero, aparentemente com o objetivo de criar um lugar para preservar a memória do patrimônio destruído naquela área. Dessa forma, a praça recuperou sua essência como um jardim histórico, mantendo seu design ortogonal com canteiros verdes arborizados e o clássico quiosque central que, infelizmente, anos depois foi desmontado.

Por sua vez, a Praça Cívica e a ponte "*Solidaridad*" adotaram a identidade formal e material criada pelo arquiteto Teodoro González de León em suas obras na capital de Tabasco. A separação das praças criou duas dinâmicas espaciais distintas. De um lado, a *Plaza de Armas* recuperou seu espírito intimista, enquanto a Praça Cívica foi utilizada para eventos massivos de natureza cultural e política, estabelecendo ainda, através da ponte, uma conexão com um bairro historicamente segregado. Estes fatos são confirmados por Lilly Torpey (2021), quem também menciona que o *Malecón* da cidade tinha vida própria:

Era um lugar precioso, onde se podia caminhar e ver o rio. (...). As pessoas se reuniam durante a feira para ver o desfile de barcos alegóricos, mas tudo isso acabou depois da inundação de 2007 (foi construído um muro de contenção). Hoje em dia, a praça não tem mais nenhuma relação com o rio, exceto por passar por cima da ponte (TORPEY, 2021, comunicação pessoal).

PRAÇA CONTEMPORÂNEA: 2011- ATUALIDADE

A praça contemporânea (figura 10) foi reformada em 2011 como comemoração do Bicentenário da Independência Mexicana. Esta tem uma extensão aproximada de 13.500 m², sendo que apenas 1.100 m² são de área permeável. Além disso, o programa arquitetônico inclui um mastro de bandeira

de 25 m, um espelho d'água de 320 m², uma área de jogos, um palco artístico-cultural, um restaurante e uma rua comercial para pedestres. Essa intervenção reconectaria a praça original com a praça cívica de 1982 e também criaria um corredor de conexão com a nova Praça Bicentenário e o Parque "La Corregidora", que também passaram por reformas.

As informações recolhidas durante esta pesquisa demonstram que as edificações na praça contemporânea são 70% da época modernista e 30% do *Porfiriato* ou *Garridismo*, sendo que a maioria das construções destas últimas épocas foram destruídas durante o período de modernização agropecuária e o '*Boom Petrolero*'. Por outro lado, os usos do solo por lote atualmente correspondem a 38% residenciais – a tendência histórica indica diminuição deste uso do solo –, 27% comerciais, 16% usos mistos, 10% administrativo, 3% religiosos, e o restante se trata de vazios urbanos e edifícios em abandono.

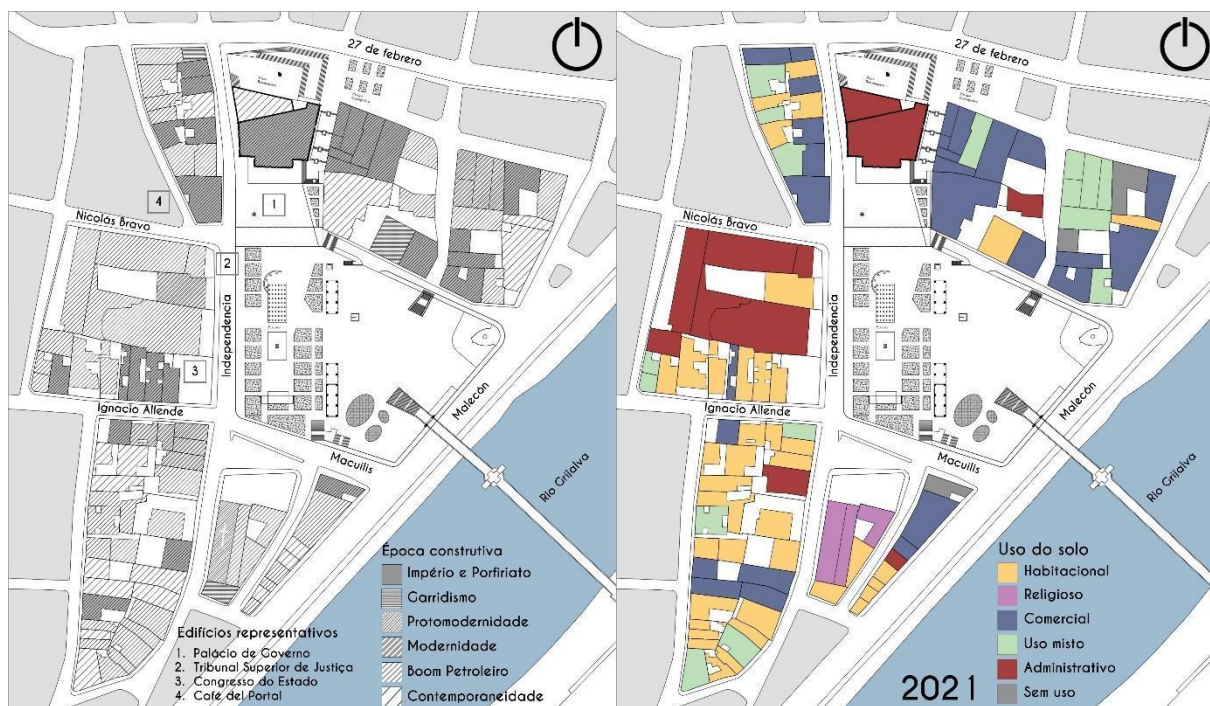


Figura 10: Sétimo período morfológico: Praça Contemporânea. Mapeamentos das épocas construtivas e dos usos do solo em 2021.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Em relação ao plano urbano, o espaço ocupado pela praça original mantém a pauta espacial. As cicatrizes históricas são marcadas por formas e texturas, como a sucessão linear de canteiros de vegetação ao longo da rua Vicente Guerrero. O antigo Museu de Tabasco (1946) e o Centro Recreativo (1907), que antes ocupavam os lotes, são lembrados por meio de duas arcadas. A localização do quiosque central original é revelada por uma marca de pedra no piso, e a rua Vázquez

Norte é sinalizada por um caminho de lanternas. No entanto, o tecido urbano ainda mantém a eliminação de espaços livres, e as edificações seguem um padrão de ocupação quase completa dos lotes.

A praça contemporânea conta com uma estrutura legível (imagem 11) composta por um sistema de espaços livres que seguem o eixo norte-sul original, mas suprime os elementos centrais para ampliar sua superfície útil. Sua identidade é definida por iconemas, como o Palácio de Governo, o Café del Portal e a igreja “La Conchita”, assim como outros edifícios modernos que fazem parte da identidade burocrática imposta à praça, como o Tribunal e o Congresso. Os pontos nodais se destacam em lugares que, de alguma forma, permanecem apropriados pela população – sempre com presença do comércio informal – como lugares de memória. É o caso das fontes interativas no centro original da praça, dos arcos onde se localizavam edifícios recreativos e do palco para eventos.

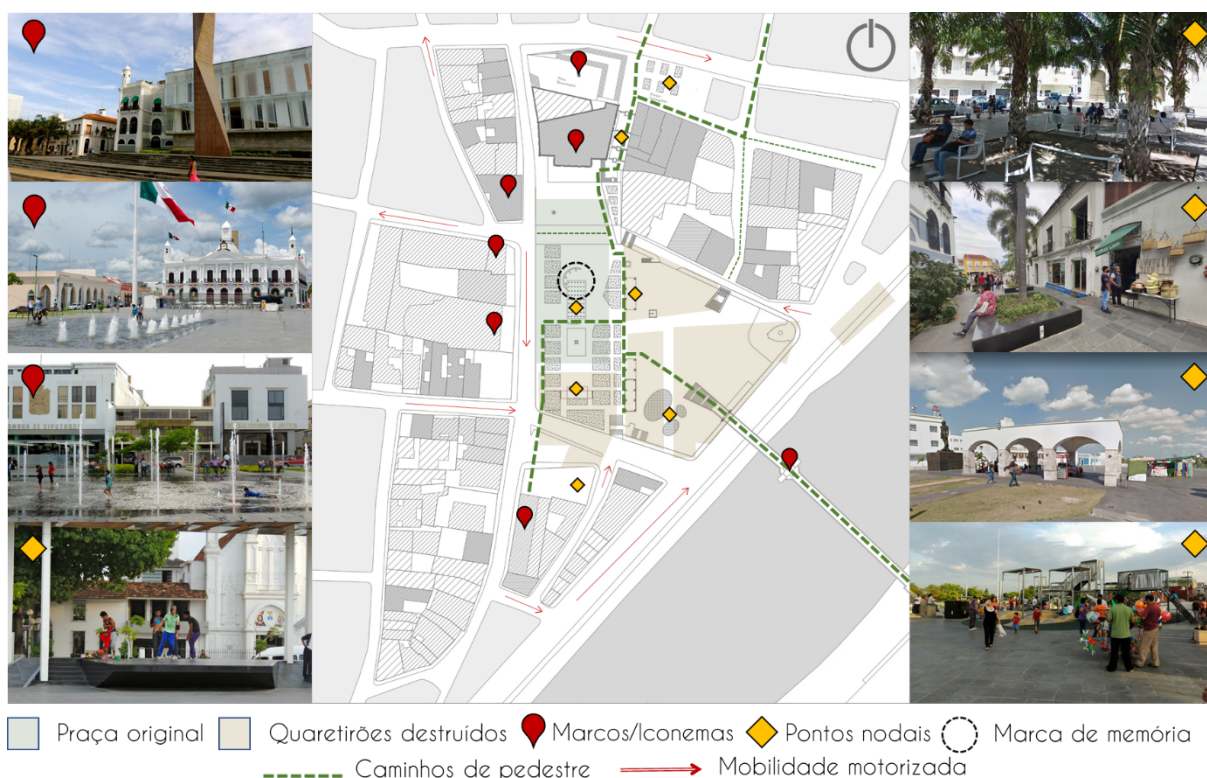


Figura 11: Mapeamento da percepção ambiental da *Plaza de Armas* contemporânea.

Fonte: Acervo do autor; pueblosmexico; Google Street View.

A praça se converteu em um lugar cuja materialidade mineral contrasta com a identidade vegetal e permeável do passado. O meio natural que, na Morfogênese, deu origem e função ao lugar, perdeu sua relação com a praça. O rio, que em muito contribuiu ao desenvolvimento econômico de Villahermosa, hoje é diminuído a esgoto e tratado mais com medo do que respeito, sendo ignorado durante esta última intervenção. A topografia foi substituída pela ampliação impermeável que

responde à necessidade de realizar eventos massivos, muitas vezes de índole político, que tendem a ser agressivos com o espaço. Apesar das marcas de memória existentes que evocam a memória da *Plaza Mayor*, há uma desconsideração pelo desenho e uso originais que se reflete nas opiniões negativas sobre o espaço: “Eles colocaram o chão preto em um calor de 48 graus, quem é que pensa nisso? Se não pode voltar ao que era antes, pelo menos poderiam plantar mais árvores e adicionar mais vida, música, água, cores. É uma praça muito fria” (TORPEY, 2021, comunicação pessoal).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Plaza de Armas contemporânea é resultado da estratificação histórica que acompanha as transformações políticas – muitas vezes aceleradas – da cidade, resultando na perda de sua integridade formal e autenticidade histórica. Apesar de ser um espaço heterogêneo, o plano urbano conserva, em grande parte, sua composição original. O sistema viário mudou de mobilidade motorizada para mobilidade ativa, mas os caminhos originais continuam presentes. Por sua vez, o tecido urbano e o padrão de ocupação do solo perderam valiosas características, como a conexão com a rua e o sistema de pátios, em sua maioria sendo devido à tendência histórica de diminuição do uso residencial em prol do comercial, valorizando o aproveitamento da superfície construída, tornando necessárias políticas habitacionais.

A ampliação da praça até o rio, paradoxalmente, criou uma barreira que a limita como mirante, devido à perda de pontos de conexão funcional. Em futuras intervenções, deve-se buscar essa relação mediante o aumento de fachadas ativas na beira do rio e a revitalização do Malecón, pensando na interlocução de ambos os espaços. Considerando a relação histórica de Villahermosa com a água e a vegetação, vale a pena não apenas recuperar a relação com o rio, mas também considerar a integração de infraestrutura verde e azul na paisagem. Em primeiro lugar, repensando a praça como jardim, buscando o aumento da permeabilidade do solo mediante pavimentos permeáveis e arborização urbana com espécies locais. Em segundo lugar, o uso de infraestrutura azul possibilitaria mitigar os problemas de drenagem e aproveitar a água não apenas para irrigação, mas como elemento de coesão e lazer.

Os edifícios simbólicos da praça mostraram-se vulneráveis diante das mudanças políticas. Iconemas de valor sociocultural foram suprimidos para serem transformados em símbolos políticos. Recomenda-se, portanto, o efetivo uso das políticas estaduais para a proteção da paisagem cultural e do patrimônio arquitetônico do entorno, reconhecendo não apenas os valores artísticos, mas

também os funcionais, simbólicos e históricos, buscando respeitar o caráter original e a restituição de elementos tradicionais sem cair no falso histórico.

Finalmente, foi demonstrado que os processos histórico-políticos conseguiram apagar a identidade original da Plaza Mayor de Villahermosa. Durante cada período, a praça se transformou seguindo os estilos e valores da época. Na morfogênese, o uso de materiais vegetais limitou a vida do patrimônio. Na conformação de novos polos, o historicismo acadêmico começava a formar o caráter da paisagem, processo que continuou durante a busca da Representação Política. Enquanto na Consolidação, a praça manteve o caráter de jardim, introduzindo o quiosque como uma inovação na paisagem. Já na modernidade canônica, em um exercício de historicismo urbano, a praça foi ampliada buscando conectar o poder religioso e político. As ampliações continuariam com a construção de uma Praça Cívica, visando à massificação e politização do espaço.

Dessa forma, na contemporaneidade perderam-se os valores de intimidade, recreação, permeabilidade e habitabilidade. A transformação de Plaza Mayor para Plaza de Armas se concretiza. O poder político toma conta de uma praça que, inicialmente, foi pensada como um espaço de lazer para os habitantes. É possível retomar as funções e a identidade da praça entendendo a apropriação do lugar por parte da sociedade. Cabe o desenho participativo, usando como instrumento a memória oral para entender as necessidades atuais, mas também os percursos de quem vivenciou a evolução da praça. A pesquisa não somente registra e faz uma crítica à evolução da praça, mas também evidencia que os métodos de leitura da paisagem permitem compreendê-la e possibilitar intervenções que respeitem e restituam a identidade deste complexo espaço.

REFERÊNCIAS

- AVELLANOSA, T. **Las Plazas Mayores de España**. Madrid, España: Signo Editores, 1997.
- COSTA, S. A. P.; NETTO, M. M. G.; LIMA, T. B. Bases conceituais da Escola Inglesa de Morfologia Urbana. **Paisagem E Ambiente**, v. (33), p. 29-48, 2014.
- FELIPE II DA ESPANHA. **Ordenanzas de descubrimiento, nueva población y pacificación de las Indias**. Reino da Espanha e Portugal. Segovia, p. 18. 1573.
- GIL Y SÁENZ, M. **Compendio historico, geografico y estadistico del estado de Tabasco**. 2ª. ed. Naucalpan: Consejo Editorial del Gobierno del Estado de Tabasco, 1979.
- GOBIERNO DEL ESTADO DE TABASCO. **Madrazo entregó a la patria un nuevo Tabasco**. Villahermosa: Diario de Tabasco, 1964.
- _____. **Tabasco a través de sus gobernantes. 1959-1961. Volumen 9. Carlos A. Madrazo**. Villahermosa: Biblioteca Básica Tabasqueña, 1988a.
- _____. **Tabasco a través de sus gobernantes. 1977-1982. Volumen 13. Leandro Roviroso Wade**. Villahermosa: Biblioteca Básica Tabasqueña, 1988b.

- _____. **Palacio de Gobierno de Tabasco. 1894-2003**. México: Alcázar Editores, 2004.
- INAFED. Estado de Tabasco - Centro. **Enciclopedia de los Municipios y Delegaciones de México**, 2000.
- IPHAN; MAPRO; FUNDAÇÃO CASA RUI BARBOSA. **Carta dos Jardins Históricos Brasileiros**. I Encontro Nacional de Gestores de Jardins Históricos. Juiz de Fora: 2010.
- JOFFRE, G. R. De la Plaza Mayor a la Plaza de Armas: la política Borbónica y el Espacio Urbano de Lima (1740-1820). **Revista Histórica PUCP**, p. 91-130, 2004.
- MARTÍNEZ ASSAD, C. **El laboratorio de la Revolución. El Tabasco garridista**. México, D.F.: Siglo XXI, 1979.
- MARTÍNEZ, J. J. G. **Revista Zona Luz**. Villahermosa, Tabasco: 2012.
- MÉXICO. **Ley Federal sobre Monumentos y Zonas Arqueológicas, Artísticas e Históricas**. Diario Oficial de la Federación, 1972.
- ORTÍZ, H. M. **Biografía de una ciudad: su tiempo y sus hombres**. Villahermosa, 1975.
- PRATS, C. A. **Apuntes para una monografía de Villahermosa**. Villahermosa: Gobierno del Estado de Tabasco, 1987.
- REYES, D. L. **Historia de Tabasco**. Villahermosa: Consejo Editorial del Gobierno del Estado de Tabasco, 1980.
- RODRÍGUEZ, V.; DE SANTA CRUZ, M. A. Relación de la provincia de Tabasco. In: DE LA GARZA, M. **Relaciones histórico-geográficas de la gobernación de Yucatán (Mérida, Valladolid y Tabasco)**. Ciudad de México: UNAM, IIFL, Centro de Estudios Mayas, v. 1, 1981. p. 415-432.
- SARAVIA, G. T. **Villahermosa Nuestra Ciudad**. Villahermosa, Tabasco: H. Ayuntamiento Constitucional de Centro, 1987.
- SAUER, C. O. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EduERJ, 1998.
- SILVA, N. A. M. **Nas tramas da produção artesanal: narradoras de saberes cotidianos em Carmo do Rio Claro/MG**. Belo Horizonte: Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.
- SOTELO, R. D. F. Mito y realidad en las leyes de población de Indias: Ordenanzas de descubrimiento, nueva población y pacificación. In: DUFOUR, F. D. I. **Estudios Histórico-Jurídicos: Recopilación de las leyes de los reynos de las Indias**. México, D.F: Porrúa, 1987. Cap. X, p. 301.
- SUESS, P. **La conquista espiritual de la América española: 200 documentos - siglos XVI**. New Mexico: The University of New Mexico, 2002.
- TORPEY, L. M. M. **Entrevista I**. [nov. 2021]. Pesquisador: Jorge Herrera de la Torre. WhatsApp: [Conversa privada]. 28 - 29 nov. 2021. 25 áudios e 32 mensagens de WhatsApp. (17min09seg).
- WHITEHAND, J. W. R. British urban morphology: the Conzenian tradition. **Urban Morphology**, v. 5(2), p. 103-109, julio 2001.